

AVIÃO DE CAMPANHA

DF bande

Cristine Gentil

Da equipe do Correio

Depois de atender 28 mil pessoas e realizar 12.323 cirurgias pelo mundo afora, o avião-hospital americano aterrissou em Brasília provocando mais uma turbulência na disputa eleitoral. A intenção era apenas atender 3,5 mil pessoas carentes, mas aqui a Operação Bênção Internacional, uma organização não-governamental sem fins lucrativos, se deparou com um problema que os modernos equipamentos médicos não são capazes de resolver: a briga pelo voto do brasileiro.

A discussão sobre as consequências políticas da visita da missão evangélica americana a Brasília foi levantada pelo próprio governador Cristovam Buarque antes da chegada do avião. Ele disse isso aos pastores evangélicos encarregados de organi-

zar a vinda dos médicos estrangeiros e tentou desviar o curso da missão. “Por uma questão ética, acho que eles deveriam levar o avião para lugares mais necessitados. Eu tinha certeza que haveria uma manipulação política para tentar dar a impressão de que a saúde em Brasília está ruim”, explicou Cristovam.

Para Cristovam, o uso político da missão foi comprovado pelo fato de alguns parlamentares tornarem pública a ajuda que deram à missão. Em entrevista à *TV Brasília* na terça-feira, o deputado Luiz Estevão (PMDB), candidato ao Senado, declarou que sem a participação dele o avião-hospital não estaria aqui. Luiz Estevão contou que intercedeu junto a uma companhia aérea para garantir o transporte gratuito de 13 toneladas de carga em medicamentos e equipamentos, além de conseguir a liberação das taxas aeroportuárias, hospede-

dagem para parte da equipe de 130 médicos e o espaço do clube CIT, em Taguatinga, onde está sendo realizado o atendimento de clínicos, dentistas e oftalmologistas.

“Não existe nada de uso político. Isso é manobra do governo para justificar a demanda dos brasilienses por hospitais. Se o programa Saúde em Casa funcionasse bem, não haveria a quantidade de filas que está tendo”, rebateu Luiz Estevão, que visitou as instalações do CIT na quarta-feira — no mesmo dia em que seis faixas do deputado parabenizando os médicos estavam estendidas no estacionamento do CIT.

O distrital César Lacerda (PTB), que cedeu ônibus para o transporte dos médicos, também rebateu as críticas de Cristovam. “Não há uso político nenhum. Há muitos anos, forneço transporte para entidades, isso faz parte do meu trabalho como parlamentar.”

As faixas, os ônibus pintados e a presença dos deputados tanto no CIT quanto no avião-hospital turbinaram a indignação do governador, mas também chamaram a atenção do senador José Roberto Arruda (PSDB), que intercedeu junto ao Ministério de Saúde e à Receita Federal para autorizar a vinda da missão.

PODER DE VOTO

O presidente do Conselho de Pastores do Distrito Federal, Renato Andrade, disse que recebeu queixas tanto de Arruda quanto de Cristovam. “Nunca tivemos interesse político nessa missão, mas concordo que tanto políticos quanto pastores deram essa conotação ao evento. So-

mos 300 mil evangélicos em Brasília, uma comunidade que elege qualquer político e eles sabem o nosso potencial de voto”, disse o pastor Renato.

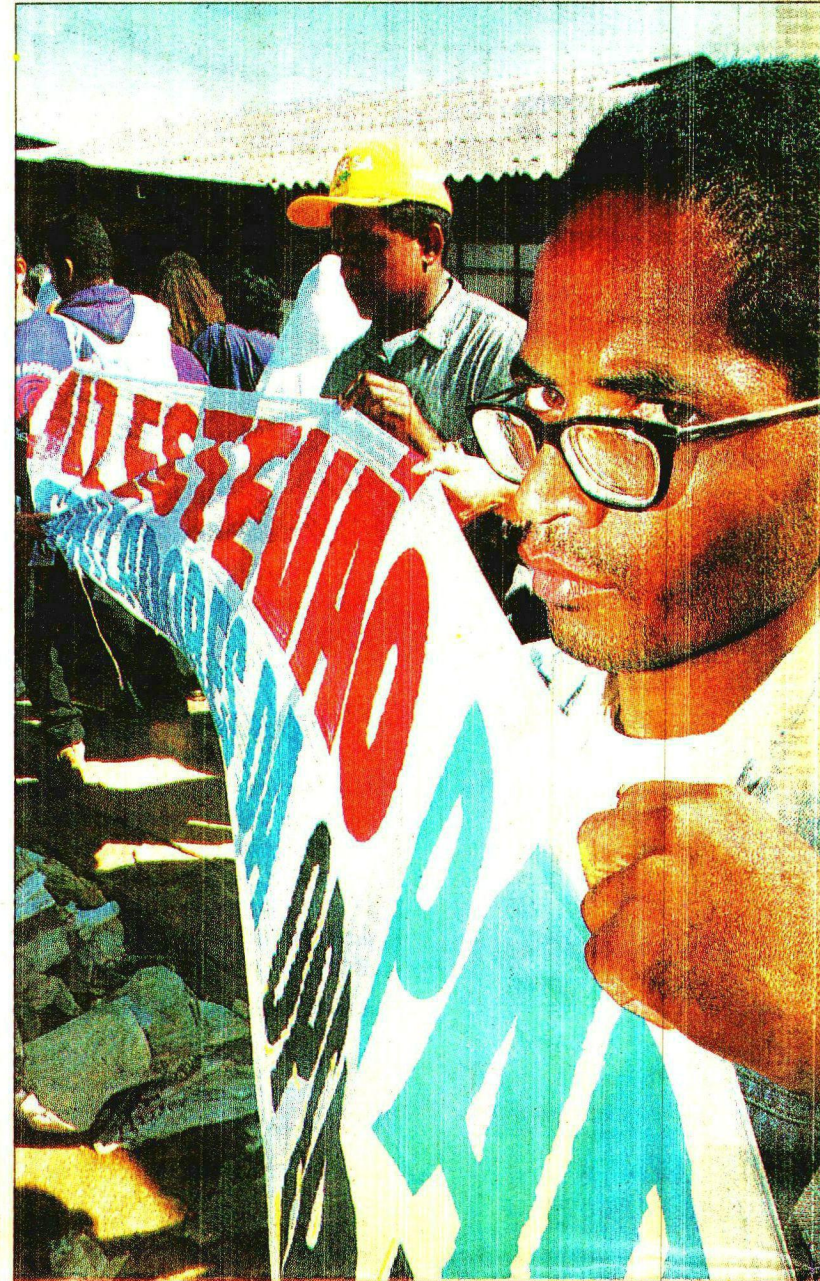
O senador Arruda disse que apenas “externou ao pastor o seu ponto de vista”. “Não é do meu feitio sair cacarejando sobre as coisas que faço, mas também não vejo problema em alguém falar que ajudou. O que essa missão provou foi que o sistema de saúde de Brasília é ineficiente pelo número de pessoas que estão nas filas”, disse.

É exatamente essa imagem — que repercute pior ainda num ano eleitoral — que o governador Cristovam Buarque, candidato à reeleição, queria evitar. Missão praticamente impossível diante das mais de mil pessoas que formam a fila constante e dormem ao relento em frente ao CIT de Taguatinga desde segunda-feira em busca de atendimento.

“Não sabemos de onde estão vindo essas pessoas, mas não existe essa demanda. Enquanto eles fizeram quatro cirurgias de hérnia e vesícula em um dia, fizemos 750 desse tipo em 90 dias do mutirão da saúde”, avalia o secretário de Saúde, Antônio Ramalho.

O diretor da missão médica, Ron Oates, explicou que a Operação Bênção escolheu Brasília pelo fato de ser a capital do país, o que daria maior visibilidade ao trabalho e facilitaria novas visitas ao Brasil no futuro. “Sabemos que existem pessoas que querem usar o evento para o bem próprio e não podemos controlar o que acontece do lado de fora. Aqui dentro, o nosso objetivo é tratar e evangelizar as pessoas e não fazer política”, defendeu-se o médico.

Anderson Sehnidera



Pacientes arrancaram faixas de políticos para ajudar a organizar filas